

UM PASSEIO PELO DICIONÁRIO: A ORIGEM DE UM NOVO DISCURSO

Concísia Lopes dos SANTOS
Departamento de Letras – PPgEL - UFRN
Professora Dra. Ilza Matias de SOUSA – Orientadora
Departamento de Letras - PPgEL - UFRN

O termo arquivo é mais comumente entendido como um depósito de documentos, organizado conforme determinados critérios. Mas para alguns estudiosos, não se trata apenas disso. O arquivo é entendido pelos filósofos como o nível da linguagem que fica entre a língua enquanto sistema de signos, que permite a construção de um discurso, e tudo o que já foi dito sobre um determinado assunto. É ele que permite as formações e transformações dos discursos que podemos encontrar em uma sociedade. Assim sendo, este estudo pretende refletir sobre o uso que a autora Adriana Falcão faz de verbetes do dicionário para a elaboração dos nomes de alguns de seus personagens. Trata-se de uma espécie de desconstrução dos sentidos já construídos para a construção de um novo discurso, o qual não nega o anterior, mas o transforma.

Palavras-chave: arquivo; dicionário; literatura.

1 INTRODUÇÃO

Estamos na Era Digital, momento em que quase tudo depende da tecnologia da informação. Há alguns anos nem se pensaria nas possibilidades de comunicação e arquivamento de documentos que se conhece nos dias atuais. Pode-se pensar, então, no que permitiu esse avanço, essa construção.

Sem dúvida muitas idéias foram reelaboradas, desconstruídas e reinventadas para que se pudesse chegar ao momento atual. Mas isso não aconteceu apenas com a ciência tecnológica. Todas as áreas de conhecimento se reelaboraram e ainda continuam a fazê-lo.

Certamente, muitas pessoas nunca pararam para pensar sobre isso ou mesmo sobre o que as faz compreender as idéias aqui apresentadas, por exemplo. Pode-se dizer, então, que para interpretar uma informação costumamos recorrer ao nosso arquivo. Mas, o que vem a ser um arquivo?

O termo arquivo, no sentido comum, é entendido como um depósito de documentos que se organiza conforme determinados critérios. Ele pode contar a história de uma pessoa, de uma família, de uma cidade, de um país, de uma língua. O arquivo pode ser, também, um conjunto de documentos, não apenas um local ou depósito. Desse modo, pode ser entendido como um conjunto de informações que pode ser armazenado em um *CD-ROM*, *pen drive*, computador ou mesmo na *internet*. Isso porque estamos em constante relação com os avanços tecnológicos, não sendo possível, portanto, negá-los.

Seja como for, a palavra arquivo está sempre relacionada à idéia de memória, de conjunto. Pensá-la significa pensar em algo que signifique, que ocupe um

lugar (real ou virtual), que represente. Isso se explica, segundo Derrida, pela origem da própria palavra.

Arkê, lembremos, designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* – princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico. (DERRIDA, 2001: 11)

Dois são os princípios que regem a origem da palavra arquivo. Eles trazem duas idéias – a origem e a lei – que se completam e se opõem, simultaneamente. A origem está para o surgimento, para o começo, ao passo que a lei está para o comando, para a ordem. Pensar um arquivo implica pensar, portanto, o modo como ele surgiu e a lei que o comanda.

Como se pode perceber, o conceito de arquivo não é tão fácil de ser “arquivado”, embora sua origem esteja relacionada à palavra *arkê*. Ele pode remeter ao *arkê* ontológico, já que trata da origem, ou ao *arkê* nomológico, já que estabelece uma ordem. Isso se explica no fato de o próprio vocábulo latino *archivum* (ou *archium*) ter origem no *arkeion* grego. Este era a morada dos arcontes, magistrados superiores aos quais cabia interpretar e representar a lei. Foram eles os primeiros guardiões dos documentos oficiais. Daí surgiram os depósitos institucionais, que guardavam esses documentos, a partir dos quais nasceram os arquivos. Curiosamente, a morada dos arcontes era a mesma dos documentos. Assim, pode-se perceber que os dois princípios – ontológico e nomológico – estão relacionados ao arquivo desde o seu surgimento. Em suma, a origem de um arquivo submete-se à lei que o comanda, a mesma que interpreta e estabelece o que pode ser conhecido e observado.

Por outro lado, essa mesma lei supõe também um conjunto de limites, os quais podem ser desconstruídos. Esses limites – que podem ser o direito da família, do Estado, a relação entre o que é secreto ou não, ente o que é público ou privado, entre o que é literal ou metafórico – são estabelecidos para que possam ser transgredidos. Assim, “em todos estes casos, os limites, as fronteiras, as distinções terão sido sacudidos por um sismo que não poupa nenhum conceito classificatório e nenhuma organização do arquivo. A ordem não está mais garantida.” (DERRIDA, 2001: 15).

Não se trata mais de considerar como uma verdade absoluta tudo o que foi “arquivado” pelo arcôntico. Passa a se pensar, então, em uma forma de reelaboração desse arquivo, a qual dará origem a um novo arquivo. No entanto, para que isso seja possível, faz-se necessário entender o arquivo como o nível da linguagem que fica entre a língua enquanto sistema de signos, o qual permite a construção de um discurso, e tudo o que já foi dito sobre um determinado assunto. É esse “conceito” de arquivo que permite a formação de novos arquivos a partir das transformações dos que já existem nos discursos de uma sociedade.

Ao tomar como base esse “conceito” de arquivo, este estudo pretende refletir sobre o uso que a autora Adriana Falcão faz de verbetes do dicionário para a elaboração dos nomes de alguns de seus personagens no romance *Luna Clara e Apolo Onze* (2002). Trata-se de uma espécie de desconstrução e transgressão dos sentidos já estabelecidos para as palavras em língua portuguesa na construção de um novo discurso, o qual não nega o anterior, mas o transforma.

2 UM POUCO SOBRE A AUTORA E SOBRE O LIVRO

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro e foi morar em Recife com 11 anos de idade, tornando-se uma pernambucana por convicção. Estreou como escritora com o livro *A Máquina*, levado aos palcos e posteriormente ao cinema. Estreou na literatura infantil com o livro *Mania de Explicação*, com o qual ganhou o Prêmio Ofélia Fontes – “O melhor para a Criança”, publicado em 2001. *Luna Clara e Apolo Onze*, livro base para a realização deste estudo, é o terceiro livro da autora. Foi publicado em 2002 e é dirigido ao público pré-adolescente. Além destes, escreveu *Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento*, *O Doido da Garrafa*, *Sonho de uma noite de verão*, entre outros. Junto com Guel Arraes, adaptou *O Auto da Compadecida* para a televisão e, posteriormente, para o cinema. Seu mais novo título é *Sete histórias para contar*, publicado este ano, dirigido ao público infantil.

O romance *Luna Clara e Apolo Onze* é uma obra infanto-juvenil de alto valor literário. Luna Clara é uma menina de 12 anos que mora em Desatino do Norte. Ela é apaixonada pela Lua, sua amiga e confidente. Vive esperando por seu pai, que perdeu a sorte e anda pelo mundo com a chuva chovendo em cima de sua cabeça. Apolo Onze é um menino de 13 anos e mora em Desatino do Sul. Ele gosta muito da Lua. Sua maior vontade é ter vontade de alguma coisa. Os dois adolescentes vivem uma aventura cheia de encontros, desencontros e intempéries. Durante toda a história aparecem personagens muito bem elaborados e de nomes nada convencionais. Os nomes próprios das personagens é que as caracterizam, conforme a sua significação. Para essa nomeação, Adriana Falcão usa a mitologia, a literatura, a história e o dicionário. O texto é todo mágico, completamente fantástico, como reconhece a própria autora.

3 VERBETES QUE NOMEIAM: A TRANSGRESSÃO DO ARQUIVO

O dicionário é entendido como uma listagem de palavras ou expressões próprias de uma língua com seus respectivos significados ou com suas versões em outras línguas, que aparecem, geralmente, em ordem alfabética. Cada um possui uma classificação conforme o objetivo e a finalidade aos quais se compromete; daí a existência de vários tipos, entre os quais podem ser destacados: dicionários gerais da língua, etimológicos, analógicos, de sinônimos e antônimos, de abreviaturas, temáticos, bilíngües ou plurilíngües, de frases feitas, de gírias etc.

Considera-se que os dicionários tiveram origem nos tempos antigos. Acredita-se que tenham sua origem na Mesopotâmia, por volta de 2600 a.C., sendo feitos em tabletes de madeira cuneiforme. Estes traziam informações sobre divindades, objetos usuais, nomes de profissões, signos, e funcionavam como unilíngües.

Já no século I, os gregos criaram os *lexicons*, cujo objetivo era catalogar os usos das palavras gregas. Estes eram também usados pelos romanos para esclarecer dúvidas e conceitos sobre a língua. No entanto, esses catálogos não obedeciam à ordem alfabética e apenas definiam termos lingüísticos ou literários.

É somente no fim da Idade Média que surgem os dicionários e glossários que seguem a ordem alfabética. Isso porque os monges resolveram organizar alfabeticamente os manuscritos com o objetivo de facilitar sua consulta. Aí surgiu, também, a primeira tentativa de elaboração de um dicionário Latim – língua vernácula.

Mas é no século XV que se alavanca a difusão e o uso de novos dicionários devido ao advento da imprensa tipográfica. E desde o Renascimento foi incorporado o estilo que utilizamos nos dias atuais. Isso porque se pretendia traduzir as línguas clássicas para as modernas, o que permitiria a tradução da Bíblia.

Ao se pensar o modo e o motivo da produção dos primeiros dicionários, percebe-se a necessidade de realização de um registro, de uma inscrição. O arquivo depende desse registro, dessa inscrição, para que possa ser lido, conhecido e problematizado. Como afirma Derrida (2001, p. 08), “não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão. Externo, diretamente no suporte, atual ou virtual.”. É nesse lugar de impressão que se mantém o que foi aprovado para estar ali pelo poder arcôntico. Ou, em outras palavras: está no lugar de impressão o que foi canonizado.

No caso particular dos dicionários, além de ser o suporte para listar as palavras ou expressões de uma língua, ele possui outras funções, como definir o significado e a apresentação ortográfica das palavras, informar a etimologia, auxiliar o estudo de uma língua estrangeira, manter a unidade da língua, assegurar a categoria gramatical da palavra. Pode-se dizer que o dicionário ocupa, assim, o lugar do arconte, a quem cabe assegurar o bom funcionamento da língua, evitando sua transgressão.

Ao ser realizada uma transgressão surge um novo discurso. O prefixo *trans-* significa “movimento para mais além de”, “através de”. A partir dele pode-se pensar em um transarquivo e em uma transescritura, as quais não deixam de ser uma transgressão. Transgredir significa ir além de, atravessar, não seguir determinações, sejam elas de ordem ou de lei. Transgressão é o próprio ato de transgredir. Assim, transgressão é o que dá origem ao transarquivo e à transescritura.

O transarquivo é uma espécie de *corpus* que auxilia a transmissão de conhecimento, não se resumindo aos registros de um escritor. Já a transescritura é o modo como esse escritor utiliza seu saber para sensibilizar as pessoas, mas não se resume à escrita alfabética. Ela permite diálogos culturais muitas vezes impensados, a partir dos quais se pode pensar em outros arquivos que se inserem no espaço contemporâneo de conhecimento. É o sismo de que Derrida fala, o qual não deixa nada como está. Ela vai de encontro à ordem.

Esse é o caso da escritura da autora Adriana Falcão. Em seu romance *Luna Clara e Apolo Onze*, ele retira verbetes do dicionário para nomear alguns de seus personagens, transgredindo a “ordem” que ele possui sobre as palavras. As reflexões que seguem atestam tais afirmações.

Para começar, uma observação importante. Na orelha do romance aparece o seguinte conselho de Ziraldo:

Recomendo apenas uma coisa aos leitores de *Luna Clara e Apolo Onze*: vão anotando os nomes das personagens, à medida que eles vão aparecendo – são muitos, muitos mesmo, e cada um mais bem construído do que o outro – para não se perderem na teia-trama de Adriana.

A recomendação não aparece à toa. E ela foi seguida: todos os nomes foram devidamente anotados e associados por núcleos desde a primeira leitura do romance. Os nomes das personagens são muitos e nada convencionais. Os nomes dos lugares onde se

passa a história não são ficam atrás, em termos de inovação. No entanto, nos deteremos às personagens.

Os nomes próprios das personagens as caracterizam conforme sua significação. Todas elas foram assim elaboradas. Para essa reflexão foram eleitas quatro personagens: Pilhério, Seu Erudito, Doravante e Equinócio. Eis a primeira:

Pilhério era o papagaio mais apapagaiado que já existiu. Tinha penas verde-limão, rosa-shocking, amarelo-berrante, azul-turquesa e laranja fosforescente. Ficava lindo na luz negra. Falava pelos cotovelos (que no caso dele eram as partes dobráveis das asas) e sua cultura era realmente impressionante. [...]

Pilhério era ótimo em gramática e ortografia. Em acentuação era mesmo um gênio. [...]

Quando não estava repetindo regras de acentuação ou se metendo na vida alheia, Pilhério demonstrava sua cultura derramando explicações, informações e todo tipo de coisas complicadas para quem se dispusesse a ouvir.

Adorava se exhibir e contar vantagem. (FALCÃO, 2002: 35)

Pilhério é o papagaio que completa a família Paixão. Seu Erudito o herdou de seu avô Arcaico, o Antigo. Nada melhor do que um papagaio inteligente para pertencer a alguém que se chama Erudito. O verbete pilhério, no dicionário, é o masculino de pilhéria, que quer dizer “gracejo, piada”. Essa era mais uma de suas “qualidades”. Como era muito esperto, adorava fazer piada com as outras pessoas menos “providas de inteligência”, como ele mesmo dizia. Ele ainda tinha a graça de mudar de conversa sempre que o assunto o desagradava. Era mesmo um papagaio apapagaiado. No sentido comum um substantivo dessa natureza não nomearia nem mesmo um animal.

[...] Seu Erudito, avô de Luna Clara, vivia pelo mundo com suas três filhas, colecionando histórias.

Valia tudo: mitos, novelas, lendas, fábulas, romances reais ou não, ou em prosa ou em verso, era indiferente.

Já tinha colecionado até ali 8.451 histórias de amor, 7.198 de aventura, 27 de terror, 3.012 comédias e 1.890 tragédias.

Contando com as 25.000 histórias que ele já sabia antes, sua coleção totalizava 45.578 histórias variadas. (FALCÃO, 2002: 33)

Erudito, segundo o Houaiss, significa “o que tem ou demonstra erudição = conhecimento amplo e variado adquirido especialmente por meio da leitura”. A palavra erudito vem do adjetivo latino *erudís*, que significa “instruído”. É importante observar o significado do nome para a construção da personagem. Seu Erudito é um homem que possui muito conhecimento adquirido por suas leituras. Ele repassa esses conhecimentos através de suas conversas, nas quais ocupa um papel de mestre. Além disso, é ele quem funda a Biblioteca Nacional em Destino do Norte, lugar onde recebe seus amigos Sherlock Holmes, o Coelho Maluco, Romeu, o Frei João, Cirano de Bergerac, Dona Benta, Sancho Pança e inúmeros outros. Outro ponto que se deve destacar é o lugar que ele ocupa. Seu Erudito possui um grande conhecimento sobre vários assuntos tratados pela literatura. Ele é uma espécie de arquivo vivo. Atrelado ao nome Erudito vem o Seu, que em seu sentido literal é um pronome que expressa respeito por aquele com quem se

fala, mas que aqui aparece como o próprio nome da personagem. Não se pode dizer que ocorre uma simples derivação imprópria, uma vez que a palavra não muda somente de classe gramatical, mas adquire um novo sentido.

[...] Doravante foi um sujeito muito sortudo. Isso foi há muito tempo. Tinha sorte na vida, nas provas, nas cartas, nas pedras, nos dados, nos búzios, nos dias, nas tardes, nas noites, nos sonhos, até no azar ele tinha sorte.

Se algo dava errado, no final ia dar certo, quer ver? Sempre dava.

Quando era pequeno ainda, encontrava tantos vaga-lumes nos passeios que até perdia a conta. Depois que cresceu e virou um rapaz, chegou, então, a uma conclusão muito importante. Se era tão sortudo assim, ia encontrar o maior amor do mundo, estava na cara.

Nem precisava procurar.

Tinha certeza absoluta de que o amor ia aparecer, assim, na sua frente.

- Eusóesperoquesejalogo.

Doravante tinha pressa. (FALCÃO, 2002: 57)

Doravante é o pai de Luna Clara. Ele era o homem mais sortudo do mundo quando conheceu Aventura, mas depois ele perdeu a sorte e andou muito tempo pelo mundo. Ele tinha certeza de que encontraria facilmente seu grande amor. E encontrou. A palavra doravante é um advérbio, que significa “de agora em diante”. É assim que a personagem age. Ele não olha para o que perdeu, mas pelo que quer conseguir. Se levarmos em consideração esse sentido que traz o advérbio, podemos entender porque ele nunca desistiu de encontrar Aventura, mesmo depois de tantos anos. Durante treze anos Doravante segue sempre em frente e assim dá a volta ao mundo, procurando o reencontrar seu grande amor. Em sua busca incessante, ele só olha para frente. Até que chega novamente à Desatino do Norte, onde Aventura e Luna Clara o esperam. Aqui há a transformação de um advérbio em um nome próprio. Como acontece com os demais nomes, há uma reinterpretação para a palavra a partir do momento em que ela passa a nomear uma personagem. Mais uma vez há uma quebra com a “ordem” que o dicionário procura manter para a garantia de seguridade para a classe gramatical da palavra.

Para concluir esta breve reflexão sobre os nomes dados às personagens a partir de verbetes do dicionário, aparece Equinócio.

Equinócio é o cavalo de Doravante. Ele é muito sentimental. Até chorou quando o padre benzeu as alianças do casamento de Doravante e Aventura. “Era um cavalo, mas não era burro.” (FALCÃO, 2002: 139). Quando Aventura viu Equinócio pela primeira vez ele era forte e bonito, mas depois de treze anos galopando com Doravante pelo mundo muita coisa mudou. Ele perdeu a cor e ficou manco da pata dianteira direita, o que causa um grande desentendido na história. Mas, vamos ao nome. Equinócio é a “época do ano em que o sol passa sobre o Equador, fazendo com que o dia e a noite tenham a mesma duração; solstício”. No romance, exatamente na sexta-feira dos ventos em Destino do Sul, Luna Clara esperava a chuva em Destino do Norte. Nesse dia tudo acontece. É em um dia que toda a aventura do romance acontece. Esse dia tem a mesma duração para as duas cidades. O nome do cavalo parece marcar o próprio dia particular em que tudo acontece. Dia de encontros, desencontros e muita aventura. Esse nome, como os demais, quebra a regularidade que traz o dicionário, uma

vez que transforma um substantivo simples, que nomeia um momento, em um substantivo próprio que nomeia um ser e colabora para a construção de uma personagem.

Há no romance vários nomes curiosos, que são elaborados a partir de verbetes do dicionário e de outras fontes de informação, mas que ficarão para um outro momento, o qual permita uma reflexão maior e mais extensa. O que se pode perceber, mesmo sem a leitura completa do romance é que há uma constante desconstrução do que já existe. Um arquivo que se nos apresenta de maneira um tanto cristalizada, como é o dicionário, pode ser repensado e reelaborado com o fim de inovar a escritura.

Adriana Falcão constrói nesse romance o que Ravetti (2003) chama transescritura, que é a utilização do que já se produziu para a construção de um novo discurso, que não nega o anterior, mas o transforma de maneira a criar uma nova forma de ver as palavras e as “coisas” que estão ao nosso redor. É passeando pelos arquivos da cultura que a autora constrói todo o seu romance e inova a escritura contemporânea. Como uma abelha que vai de flor em flor para colher o melhor néctar e fazer o melhor mel, Adriana vai a cada arquivo presente em nossa cultura colher o que há de melhor para produzir uma refinada escritura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada indivíduo constrói seu arquivo particular. Ele não precisa estar escrito, registrado de maneira alfabética, mas é inegável a sua existência. Um arquivo está em constante processo de transformação, além de dar origem a vários outros. No romance *Luna Clara e Apolo Onze*, objeto deste breve estudo, a autora Adriana Falcão faz surgir novos arquivos a partir de suas interpretações, as quais dão origem a outras, elaboradas pelo leitor, em um processo de constante reconstrução do arquivo.

Assim, pode-se dizer que ela utiliza um transarquivo, que pode ser arquivos já cristalizados, mas que aparece reelaborado, passeando pelo dicionário, dinamizando os sentidos estáticos e construindo um novo modo de dizer, um novo discurso.

5 REFERÊNCIAS

- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana; Tradução: Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FALCÃO, Adriana. **Luna Clara e Apolo Onze**. São Paulo: Moderna, 2002.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Sales. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª.ed. ver.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- RAVETTI, Graciela. Performances escritas: o diáfano e o opaco da experiência. In: HIDELBRANDO, Antonio *et ali*. **O corpo em performance**. Belo Horizonte: NELAP/FALE/ UFMG, 2003.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

